GALERIA LUME

FRANCISCO NUK

Francisco Nuk
Belo Horizonte, 1990

Filho de um artista e uma galerista, Francisco cresceu no meio artístico. Desde de sua infância foi introduzido e estimulado a estudar diferentes manifestações artísticas, desde o Barroco, característico de sua região de origem, ao contemporâneo, expressão produzida pelos pais.

Na adolescência teve seus primeiros contatos com a marcenaria fina fazendo cursos do ofício. Passou o começo de sua fase adulta viajando e estudando o mesmo ofício, fazendo extensos estudos sobre o material e técnicas aplicadas.

De volta ao Brasil, trabalhou no atelier de seu pai produzindo suas obras e estruturando seu próprio atelier.

Durante o período foi incitado a criatividade crítica e estimulado à produção de seu trabalho que se manifesta a partir da mescla de sua origem e experiências vividas.

Francisco Nuk

Sem título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

154 x 93 x 96 cm

Francisco Nuk

Sem título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

192 x 164 x 35 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba, vidro e espelho

Peroba wood, glass and mirror

162 x 60 x 44 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

190 x 217 x 36 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

3,85 x 2,67 x 0,35 M

Francisco Nuk

Só o que permito entrar #02, #04 2022,

Pinho de riga

Riga Pine

83 x 65 x 8 cm

73 x 43 x 8 cm

Francisco Nuk

Só o que permito entrar #03, 2022,

Pinho de riga

Riga Pine

91 x 64 x 8 cm

Francisco Nuk

Sem Título, (PA) 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

128 x 163 x 44 cm

Exposição Individual "Fio: Gaveta de si, Ofício de ser" – Galeria Lume, 2021.

Fio: Gaveta de si, Ofício de ser

por Paulo Kassab Jr.

A casa foi vendida com todas as lembranças
todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em vias de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
com seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis
Por vinte, vinte contos.

Carlos Drummond de Andrade

Sem a intermediação dos mobiliários e utensílios, uma casa surge como um museu vazio, sem recordações, lembranças ou culpas. À espera dos móveis, cada qual com seu canto e função predefinidos, o espaço doméstico relembra uma cena expositiva onde todo objeto inserido oculta uma história. Nas gavetas, retratos, passaporte, cartas e saudade. Na estante as marcas do altar, as velas, a mancha do copo nas noites de sede. No batente da porta, o tamanho dos filhos, o passar dos anos. Em suas novas formas, os móveis moldam-se à vida que habita o seu entorno. Certa vez, em Lisboa, escutei a história de uma senhora portuguesa que guardava a escrivaninha de seu falecido marido, poeta. No tampo do móvel, entre os veios da madeira, ficaram gravadas palavras sobrepostas, vestígio da escrita em madrugadas de poesia.

Talvez, o acomodar das coisas, a mera utilidade, seja a menor das funções dos móveis. Transformados pelo tempo em memória, espelho dos nossos gestos, os objetos ficam marcados, desfiam, lascam, dobram e ganham vida, atuam serenamente como observadores dos nossos acontecimentos mais íntimos.

Em "Fio: Gaveta de si, Ofício de ser", de Francisco Nuk, a utilidade e a serventia dos mobiliários são desmanchadas no momento em que o artista quebra sua rigidez, fazendo do absurdo um conceito perseguido. Tudo em sua obra abre para pistas deturpadas. As cristaleiras distorcidas não mais equilibram os cristais, as gavetas flutuam leves sem o peso dos segredos arquivados, a cômoda circular, cautelosamente esculpida, confunde os guardados.

Na repetição, no jogo da imaginação e na constância do ofício, Francisco elabora suas esculturas com a intimidade de um poeta. As madeiras, enamoradas, se rendem, dançam e se livram do fardo de servir. Agora são arte. Nada mais.

Paulo Kassab Jr.

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
17 gavetas
141 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
7 gavetas
58 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
13 gavetas
108 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
5 gavetas
42 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
14 gavetas
117 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
9 gavetas
75 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
12 gavetas
100 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título – Colunas, 2021,
8 gavetas
66 x 33 x 25 cm
Madeira Peroba
Peroba wood,

Francisco Nuk
Sem Título, 2021.
Escultura em madeira Peroba
Sculpture in Peroba wood
80 x 190 x 97 cm

Exposição Individual “A Forma Não Cumpre a Função” – Galeria Radiante, 2021.

Francisco Nuk

Sem Título, (PA) 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

104 x 82 x 42 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

140 x 97 x 42 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

90 x 74 x 42 cm

Exposição Individual "Fio: Gaveta de si, Ofício de ser" – Galeria Lume, 2021.

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

180 x 43 x 37 cm

Exposição Individual “A Forma Não Cumpre a Função” - Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília, 2022.

A Forma Não Cumpre a Função

por Ciro Cordeiro

Foi árvore, viveu, gerou energia, ganhou tempo, virou madeira. Isso tudo antes de ser armário. Alguém dispôs de força e intelecto – carregou a madeira, desenhou, criou – fez armário. Para quê? O que impulsiona artesãos, designers e artistas a construírem um objeto? A necessidade de organizar, de significar, de validar, de utilizar. Utilizar ou tornar útil, pessoalizar ou objetificar, os fins nem sempre justificam os meios. O armário é aquilo que está no meio, não é o resultado da construção, é quando o artesão talha o tempo, desconstrói-se, cria. Caminha rumo a arte.

Nessa trilha, mais semântica do que prática, funde limites, prospecta possibilidades, relativiza, mas nunca trai. Volta-se ao basilar, ao essencial, portanto, àquilo que não tem forma. Não por uma incompatibilidade modular ou modelar, e sim para captar o fundamental: as coisas são amorfas, complexas e ambíguas; os indivíduos as significam e as coletividades as acolhem. Cada obra é impar.

A possibilidade de representação do real é sempre um desafio. A articulação das formas manifesta o conteúdo interior. Conscientemente ou não, não é a forma o elemento essencial, mas o conteúdo. Esse se delimita nas disputas narrativas, perspectivas e lógicas acerca da multiplicidade do presente. Tanto a utilidade quanto a inutilidade refletem um processo incessante de seleção e reconstrução de fragmentos de um tempo. Aqui, obra implode a racionalidade objetiva, convulsiona a logica utilitarista. O armário é a trincheira entre o indivíduo e a coletividade, ainda que um não exista sem o outro. Afinal, a construção da individualidade é uma obra de arte. E ainda que uma mesma mão confeccionasse vários armários, cada um teria suas especificidades e assumiria um tipo de função em um determinado cosmo.

O objeto passa de criatura inanimada a ser animado. O tempo é a sua unidade de vida, assim como dos seres vivos. Posto isso, o ser armário caminha pelas mesmas veredas sinuosas que o homem, e de tão próximos que são, por vezes, se confundem. É como se o armário, depois de feito, acumulasse cada vez mais vida, ao passo que o homem, quanto mais vida, mais se "armária". Deste, todos esperam determinadas funcionalidades: depositar objetos, ser um espaço protegido, ser belo ou, no mínimo, quando austero, robusto e seguro. No entanto, a contrassenso forjam-se seres libertários, que extrapolam as proporções impostas pela perspectiva, que não se destinam a nenhuma funcionalidade previamente concebida.

O homem vive entre mil facetas que moldam o seu existir. Dele espera-se e determina-se uma conduta social, uma ética e uma moral baseadas nos "bons preceitos", um tipo padrão. Não obstante, a humanidade move-se pelas mãos daqueles que em um arroubo de menoscabo, optam por fazer aquilo que lhes convém, portar-se como mais lhes apraz, guardando as morais e os costumes em uma gaveta, inútil, e transfigurando-se em um armário de tempo.

Ao implodir as linhas da forma e da formalidade, altera-se o equilíbrio vigente. Amplia-se o horizonte de possibilidades, constroem-se novos arranjos. De um passo escancara-se toda a falácia e irracionalidade por trás da produtividade utilitarista. Por qual motivo uma maioria vive com afinco os ditames do útil, trocando tempo de vida por papel moeda, perdendo a capacidade de observar e sentir a plenitude da arte, enquanto outros poucos gozam das sinestesias que somente a subjetividade pode prover? Como caminhamos para que o artista ficasse preso em seu próprio armário? Quando aceitaremos que sair

do armário é não apenas encontrar a liberdade, mas também fruir dos corpos e mentes, romper com a servidão e o calabouço da eficiência, do rendimento, do egoísmo?

Por isso precisamos do inútil. Sem préstimo, desnecessário, escusado. Linhas retas que são em realidade curvas de raio infinito. O inconsciente da imaginação transcende a serventia do trabalho produtivo. O útil será sempre desafiado, e como se fosse um ser plástico, molda-se a partir da força imposta por novas perspectivas. A inutilidade não deve ser interpretada como o antagônico, mas sim como a vontade propulsora da transformação. Explorar os limites do útil até o inútil, para que assim se torne útil mais uma vez. E como um efeito dominó caminhamos na concepção: tempo, espaço e função.

Esse todo pré-conceitual nada mais é do que a utilidade canalizada em forma, acrítica, temerária da grandeza que traz o inútil. Delimitando o quão frágil é o equilíbrio social e o quanto este equilíbrio está apoiado em inúmeros desiquilíbrios. Um alicerce vulnerável para uma pirâmide excludente e decadente. Esse efeito expõe os limites da convencionalidade evidenciando que a inutilidade é a rachadura, a fronteira imaginária que nos separa da luz.

Escutemos o inútil. Dele um dia ouvi: e se a base da pirâmide cansasse, por um dia, de suportar o seu peso? E se, a racionalidade de sua existência não implicasse utilidade? E se, por um momento que fosse ela se atentasse à beleza e complexidade do inútil?

Abririam todas as gavetas, fundiriam todas as arquiteturas, alterariam todas as funções, aproximando o sublime do ordinário.

Ciro Cordeiro

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Escultura em madeira Peroba

Sculpture in Peroba wood

83 x 160 x 42 cm

Exposição Individual “Fio: Gaveta de si, Ofício de ser” - Galeria Lume, 2021.

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba, vidro e espelho

Peroba wood, glass and mirror

168 x 36 x 43 cm

Exposição Individual "A Forma Não Cumpre a Função" – Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília, 2022.

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba,

Peroba wood,

3,95 x 0,60 x 0,32 M

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba, vidro e espelho

Peroba wood, glass and mirror

168 x 36 x 43 cm

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba, vidro e espelho

Peroba wood, glass and mirror

136 x 73 x 42 cm

Francisco Nuk

Roda da Fortuna, 2021,

Madeira Peroba

Peroba wood.

161 x 161 x 30 cm

Exposição Individual "A Forma Não Cumpre a Função" – Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília, 2022.

Francisco Nuk
Sem Título, 2021.
Madeira Peroba e acrílico
Peroba wood and acrylic
160 x 120 x 29 cm

Francisco Nuk

Sua Utilidade, Inútil, 1934.

Metal fundido

Cast metal

5 x 10 cm

R$14.000,00

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Madeira Peroba e palhinha

Peroba wood and straw

172 x 47 x 47 cm

Exposição Individual “Fio: Gaveta de si, Ofício de ser” – Galeria Lume, 2021.

Francisco Nuk

Sem Título, 2021.

Base de madeira peroba e tronco de acácia rosa

peroba wood base and pink acacia trunk

150 x 40 x 40 cm

Exposição Individual “A Forma Não Cumpre a Função” – Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília, 2022.

"No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte", afirma o filosofo Nuccio Ordine[1].

Renegando o utilitarismo e influenciado por diferentes correntes, do pós concretismo brasileiro à arte conceitual de Joseph Kusuth, a obra de Nuk remodela aquilo que nos entorna fazendo dos objetos parte de uma experiência artística. O artista arqueia, torce, enverga o objeto, desvencilhando-o da utilidade, assim como a poesia desvirtua palavras em imagens.

Em seu livro "O Guardador de Águas, Manoel de Barros poetisa que "Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam. Quando a rã de cor palha está para ter — ela espicha os olhinhos para Deus. De cada vinte calangos, enlanguescidos por estrelas, quinze perdem o rumo das grotas. Todas estas informações têm soberba desimportância científica — como andar de costas."

É nas dobras das atividades consideradas supérfluas que surge a obra de Francisco Nuk. Tal qual o poeta, ele sabe que o abrir mão do desimportante, do inútil, sem utilidade, pode colocar em risco não só a cultura, mas também a imaginação e a própria condição humana.

1. A Utilidade do Inútil: um Manifesto - Nuccio Ordine, Editora Zahar.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2022
A Forma Não Cumpre a Função - Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília
2021
A Forma Não Cumpre a Função - Galeria Radiante
Fio: Gaveta de si, Ofício de ser - Galeria Lume

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2021
Real Fake - Galeria Lume

GALERIA LUME

Rua Gumercindo Saraiva, 54
Jardim Europa | São Paulo | Brasil
+ 55 11 4883 0351 | + 55 11 9 3281 3346

contato@galerialume.com
galerialume.com
@galerialume